

Fatores que influenciam a automedicação em estudantes de medicina: uma revisão narrativa

Factors influencing self-medication among medical students: a narrative review

Júlia Régia Vieira Ramos
Kethelyn Santana Nobrega Farche
Elaine Angélica Mundim Ribeiro
Mak Alisson Borges de Moraes
E-mail: eamundim@yahoo.com.br

DOI: <https://doi.org/10.47224/revistamaster.v10i19.608>

RESUMO

A automedicação (AM) consiste na obtenção e utilização de medicamentos sem orientação médica, com o intuito de tratar enfermidades autodiagnosticadas. Essa prática pode acarretar consequências graves de saúde, alterar diagnósticos, promover resistência a fármacos, dentre outros fatores. Diante disso, o presente trabalho visa realizar uma revisão narrativa, analisando os fatores que influenciam a automedicação em estudantes de medicina. Foram utilizados os seguintes descritores: “automedicação”, “estudantes”, “medicina” e “saúde” pesquisados nas bases de dados ScienceDirect, PubMed, Periódico Capes, Sciencia e Biblioteca Virtual em Saúde(BVS), no período de 2018 a 2023 de forma a abranger publicações em inglês e em português

Palavras-chave: Automedicação; estudantes; medicina; saúde.

ABSTRACT

Self-medication (SM) consists of obtaining and using medicines without medical advice in order to treat self-diagnosed illnesses. This practice can have serious health consequences, alter diagnoses and promote drug resistance, among other factors. In view of this, this study aims to carry out a qualitative narrative review, analyzing the factors that influence self-medication in medical students. The following descriptors were used: "self medication", "students", "medicine" and "health", searched in the ScienceDirect, PubMed, Periódico Capes and Biblioteca Virtual em Saúde(BVS) databases, from 2018 to 2023, in order to include publications in English and Portuguese.

Keywords: Self medication; students; medicine; health.

1 INTRODUÇÃO

A automedicação é um fenômeno bastante complexo e que levanta diversas discussões na área médico-farmacêutica em diversos países, incluindo o Brasil (Vargas *et al.*, 2022). Embora não exista uma definição consensual de automedicação (AM) (Gras *et al.*, 2020), geralmente é considerada, como a obtenção e a utilização de medicamentos sem orientação médica para diagnóstico, prescrição ou acompanhamento do tratamento com o intuito de manejar doenças autodiagnosticadas, sintomas ou distúrbios (Janatolmakan *et al.*, 2022; Al-Qahtani *et al.*, 2022; Yasmin *et al.*, 2022). A prática de AM, também se estende à prática de administrar a outros, por exemplo, a família, amigos, vizinhos e emitir opiniões sem a devida prescrição médica ou consulta para a prescrição do medicamento e diagnóstico da doença (Ahmad *et al.*, 2021). Vale ressaltar que a AM se difere do autocuidado porque envolve medicamentos que podem fazer bem ou causar danos à saúde (Badiger *et al.*, 2012; Vargas *et al.*, 2022). Além disso, é importante dizer que o conceito de AM ainda engloba o uso continuado ou intermitente de medicação prescrita pelo médico para doenças crônicas ou sintomas recorrentes (Príncipe *et al.*, 2020).

Segundo Shawi *et al.* (2018), algumas das razões que levam à AM são a obtenção de um alívio rápido, o tratamento de doenças menores e a disponibilidade de medicação devido ao acesso irrestrito. Chindhalore,

Dakhale e Giradkar (2020) também lista como fatores da AM a renda, especialmente, para pessoas que não podem pagar os custos dos serviços clínicos (fatores socioeconômicos), o estilo de vida, o fácil acesso a medicamentos, a maior consciencialização sobre o autocuidado e a maior disponibilidade de fármacos. Nesse viés, ainda é importante ressaltar que as dificuldades e as demoras de acesso ao sistema de saúde, os custos de planos e as consultas médicas são fatores que estimulam a AM. Por fim, pode-se destacar que problemas de saúde mental e questões de ordem psiquiátrica também corroboram para essa prática (Medeiros *et al.*, 2022).

As práticas de automedicação são extremamente comuns em todo o mundo (Chindhalore, Dakhale e Giradkar, 2020; GRAS *et al.*, 2020; Janatolmakan *et al.*, 2022). Essa prática prevalece nos países em desenvolvimento e associada, a diversos fatores, como a insuficiência de medidas de controle de prevenção de infecções, ao aumento da carga de doenças infecciosas e ao consumo arbitrário de drogas (Janatolmakan *et al.*, 2022). Por exemplo, na Índia, esse valor é de 78,6%, no Brasil é de 76%, na Jordânia é de 78,5%, no Kuwait configura 97,5% e, no Irã, a porcentagem é de 70,1% (Janatolmakan *et al.*, 2022).

Além das questões anteriormente mencionadas, a AM pode estar relacionada às faixas etárias, desde crianças até jovens, adultos e idosos. Porém, a fase estudantil, devido a grandes mudanças no estilo de vida, está associada ao aumento dos níveis de estresse dos alunos, fato que os torna mais propensos à automedicação (Gras *et al.*, 2020). Além disso, a elevada carga horária do curso de medicina e o maior acesso à informação médica são fatores determinantes para a prática de automedicação nesse meio estudantil. Observa-se uma baixa tendência dos discentes universitários de procurar profissionais de saúde para obter informações, realizar tratamentos ou acessar outros serviços de saúde (Tesfaye, Asrat e Yimer, 2020; Medeiros *et al.*, 2022). Segundo Shawi *et al.* (2018) a prevalência de AM entre estudantes universitários varia de 68% a 98%.

Estudos realizados por Behzadifar *et al.* (2020) demonstram dominância da prática de AM em estudantes de medicina e de ciências médicas (97,2%), taxa que corresponde ao dobro se comparado aos estudantes não médicos (47,7%), esse fato deve-se, geralmente, pela maior consciência e conhecimento. Assim, a prática se intensifica à medida que o conhecimento, grau de informação e contato com medicamentos tornam-se mais evidentes (Zeru *et al.* (2020), Sharma *et al.*, (2020). Araia *et al.* (2019), Ayalew (2017) e Yousef *et al.* (2008) advertem para a exposição a anúncios de forma indiscriminada. Tesfaye, Asrat e Yimer (2020) destacam que, o aumento da influência das mídias sociais, de modo que os estudantes confiam mais na Internet para obter informações sobre sua saúde do que nos próprios profissionais da área médica.

A AM é geralmente utilizada para doenças menores, em que ocorre o autodiagnóstico e o autotratamento (Gras *et al.*, 2020). Entre as patologias frequentemente autodiagnosticadas estão resfriado/gripe, tosse, febre e cefaleia (Medeiros *et al.*, 2022; Zeru *et al.*, 2020), mialgia (Tognoli *et al.*, 2019) problemas do trato gastrointestinal, problemas respiratórios, doenças de pele, sintomas de ouvido entre outros (Akande-Sholabi, 2021). Para tratar esses sintomas e outros, os medicamentos comumente utilizados são analgésicos (Alessandrini, 2019; Pismel, 2021; Lázaro, 2020; De Brito, 2021), antitérmicos (Pilger, 2016; Pismel, 2021), anti-inflamatórios (Alessandrini, 2019; Silva, 2012; Lázaro, 2020), anti inflamatórios não esteroides (AINEs) (De Brito, 2021; Pilger, 2016), antibióticos (Silva, 2012; Lázaro, 2020), antigripais, descongestionantes nasais, relaxantes musculares, antialérgicos, corticoesteroides (Lázaro, 2020), antiácidos e psicotrópicos (Alessandrini, 2019).

Carneiro *et al.* (2019) destaca que fatores como a enxaqueca e a cefaleia do tipo tensional representam, respectivamente, 87,2% e 72,2% da prática da automedicação em estudantes de medicina do 1º ao 6º período da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Segundo Santos *et al.* (2019), no curso de medicina da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, a cefaleia existe como fator de risco para os 76,5% de estudantes do 1º ao 6º período do curso de medicina que praticam a automedicação.

A prática da AM pode acarretar alguns problemas de saúde associados, incluindo hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo, abstinência e ainda aumentar o risco para determinadas neoplasias. Além disso, o alívio momentâneo dos sintomas encobre a doença de base que passa despercebida e pode, assim, progredir (Medeiros *et al.*, 2022). Ainda, pode-se destacar, entre os problemas observados, o mascaramento ou o impedimento do diagnóstico correto de uma grave doença, podendo ainda afetar negativamente qualquer processo patológico no paciente, causar iatrogenias, dependência, hipersensibilidade, além de provocar interações medicamentosas de grande importância, resultando em efeitos secundários e riscos inacessíveis do ponto de vista terapêutico (De Moraes *et al.*, 2018, Melo *et al.*, 2021). Segundo Vargas *et al.*, (2022), no Brasil, há uma frequência de problemas de saúde que englobam o uso de medicamentos sem prescrição, tais como reações adversas, interações medicamentosas, falhas terapêuticas e erros de medicação.

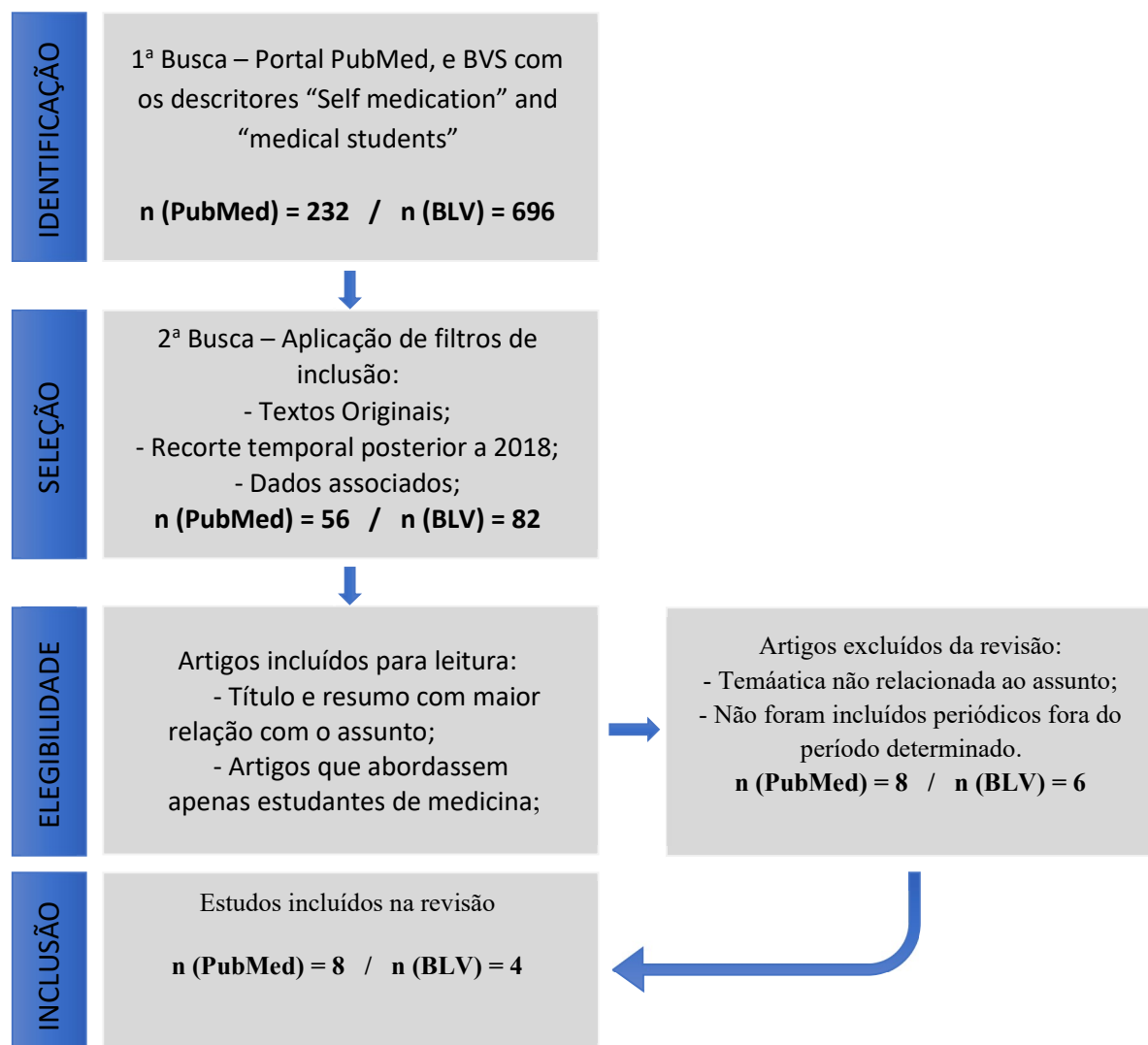
Assim a AM pode levar a consequências graves, como atraso no diagnóstico de doenças, resistência a medicamentos, desenvolvimento de comorbidades e, em alguns casos, morte (Behzadifar *et al.*, 2020). Existem poucos dados publicados de farmacovigilância sobre práticas de automedicação entre os estudantes de medicina, assim a identificação dos fatores ligados à automedicação inadequada é um tema importante. Portanto, o presente estudo objetiva realizar uma revisão bibliográfica sobre a prática de automedicação entre os estudantes do curso de graduação de medicina e dimensionar os principais fatores relacionados a essa conduta.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa se configura como um estudo qualitativo de revisão narrativa. A busca bibliográfica contemplou o período de 2018 a 2023. Os descritores utilizados para pesquisa foram os termos “Self medication” e “medical students”, nos bancos de dados PubMed e BVS. Foram utilizados como critérios de inclusão artigos publicados dentro do período de 2018 - 2023, em língua inglesa e portuguesa e que exploram a temática proposta por esse estudo. Foram excluídos os artigos publicados fora do período especificado e que não tinham como foco a automedicação em estudantes de medicina.

Os artigos passaram por uma compilação inicial, sendo aplicados os critérios de inclusão e exclusão através da leitura dos resumos. A partir dessa primeira análise, foi realizada uma primeira seleção. Posteriormente, os artigos selecionados foram lidos na íntegra, o que permitiu a realização da seleção final dos materiais. Por fim, procedeu-se a análise dos dados selecionados a partir de uma perspectiva qualitativa, seguindo os moldes de uma revisão narrativa. Abaixo, segue o fluxograma com a descrição de como foi realizada a etapa da coleta de dados.

Figura 1: Fluxograma das etapas realizadas na seleção de artigos.



Fonte: Os autores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da revisão da literatura, foram selecionados 12 artigos, compreendidos no período de 2018 a 2023. A compilação de dados foi realizada com foco em artigos que abordaram o tema de automedicação em alunos do curso de medicina.

3.1. Perfil dos participantes

O perfil dos estudantes de medicina que apresentaram relevância na prática da automedicação está apresentado na Tabela 1. As variáveis que apresentaram diferença significativa nos artigos analisados foram gênero, faixa etária, nível acadêmico e estado civil. Destaca-se o nível acadêmico como principal fator, por ter apresentado relevância significativa nos estudos de De Moraes *et al.* (2018), Ramadan (2022) e Daanish E Mushkani (2022) (Tabela 1).

De Moraes *et al.* (2018) constatou diferenças significativas no comportamento da AM entre estudantes de medicina com base no nível acadêmico. Em um total de 148 estudantes, 83 eram alunos do 1º e 2º ano e destes 44,57% são adeptos da AM e 65 são do 3º e do 4º ano, dos quais 71,42% praticam a AM. Isso se deve ao maior conhecimento adquirido pelos estudantes dos 3º e 4º ano se comparados aos do 1º e 2º.

Em contrapartida, em um estudo transversal realizado por Ramadan (2022) na Universidade de Tikrit com estudantes de medicina, foram analisados a influência de outros fatores na prática de AM, como a faixa etária, o nível acadêmico e o estado civil. A amostragem foi de 225 alunos, dos quais 81,3% são adeptos à AM. Dessa porcentagem, a predominância é na faixa etária de 23-25 anos com 89,6% praticantes de AM. Ainda, destes 81,3%, a prevalência de AM é entre estudantes do 5º e 6º ano, com 90% e 91,3%, respectivamente. Por fim, destes 81,3%, 82,1% são solteiros e praticantes de AM enquanto 66,6% são indivíduos casados e adeptos da AM. O estudo destaca que o principal fator de diferença quanto a AM entre os estudantes do 5º e 6º ano em comparação a outros anos da faculdade de medicina é a aquisição maior de conhecimento com relação aos medicamentos, porém o autor não apresenta nenhum fator específico para as diferenças significativas de AM relacionadas aos fatores “faixa etária” e “estado civil”.

Daanish e Mushkani (2022), em seu estudo de corte transversal feito na Universidade de Ciências Médicas de Kabul (KAMUS) no Afeganistão, encontrou diferenças significativas no comportamento de automedicação entre estudantes de medicina a depender do nível acadêmico e gênero. A prevalência de automedicação foi maior nos alunos do quinto ano em comparação com os do primeiro. Ainda, os homens praticavam mais a AM que as mulheres.

Tabela 1: Perfil dos estudantes de medicina que realizam automedicação.

Variáveis	Parâmetro	Autores		
		De Moraes <i>et al.</i> (2018)	Ramadan (2022)	Daanish e Mushkani (2022)
Gênero	Masculino	-	-	26,4 %
	Feminino	-	-	22,4 %
Faixa etária	(17-19)	-	79,1 %	-
	(20-22)	-	78 %	-
	(23-25)	-	89,6 %	-
Nível acadêmico	1º ano	44,57%	77 %	16,9 %
	2º ano		70,4 %	
	3º ano	71,42 %	79,1 %	
	4º ano		85 %	
	5º ano		90 %	27,3 %
	6º ano		91,3 %	
Estado civil	Solteiro	-	82,1 %	-
	Casado		66,6 %	

Fonte: Os autores com base nos textos selecionados para revisão.

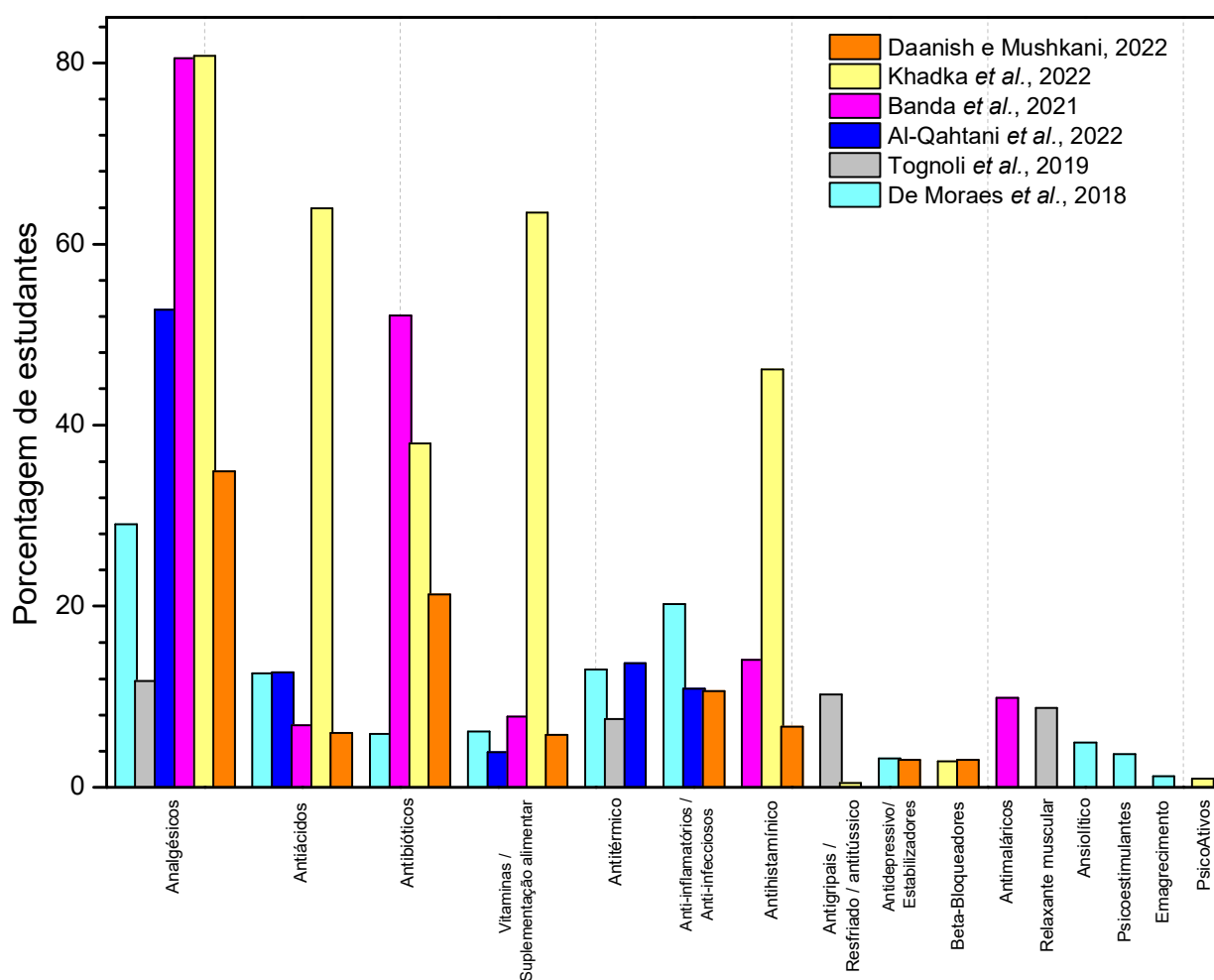
A análise do perfil de estudantes de medicina que se automedicam está diretamente relacionado aos padrões das principais sintomatologias automedicadas, revelando tanto as motivações individuais quanto as implicações coletivas dessa prática.

3.2. Perfil das principais sintomatologia e medicamentos

As principais sintomatologias tratadas sem a orientação profissional relatadas foram dores, incluindo cefaleia (Moraes *et al.*, 2018; Tameez-Ud-Din, 2019; Tognoli *et al.*, 2019; Banda *et al.*, 2021; Ramadan 2022; Khadka *et al.*, 2022), febre, infecções (incluindo do trato respiratório), azia/indigestão e problemas gastrointestinais (Moraes *et al.*, 2018; Tognoli *et al.*, 2019; Ramadan, 2022; Khadka *et al.*, 2022), otalgia, sobrepeso (Moraes *et al.*, 2018), insônia, falta de concentração nos estudos (Moraes *et al.*, 2018; Ramadan, 2022), problemas de pele (Ramadan, 2022; Tameez-Ud-Din, 2019), drogas psicoativas (Moraes *et al.*, 2018; Khadka *et al.*, 2022; Daanish & Mushkani, 2022).

Associada ao alto tratamento das sintomatologias, os estudantes entrevistados relataram principalmente o uso dos medicamentos destacados na Figura 2, com os dados da porcentagem de estudantes que se automedicaram e o medicamento utilizado. Observou-se a maior incidência e porcentagem de estudantes que utilizaram analgésicos, seguido por antiácidos, antibióticos e Vitaminas/suplementação alimentar.

Figura 2: Medicamentos/grupo de medicamentos utilizados na AM.



Fonte: Os autores com base nos textos selecionados.

Relacionado ao índice de automedicação, Ramadan (2022) realizou sua pesquisa com enfoque no nível de conhecimento e informação dos estudantes de medicina sobre os medicamentos que são normalmente utilizados na automedicação, bem como os perigos decorrentes da sua utilização. Destacam a porcentagem de alunos entrevistados e a porcentagem de informação sobre os medicamentos utilizados e ambos são acompanhados dos respectivos conhecimentos sobre o assunto (nada, pouco e bom); para analgésicos (42,4%, pouco e 33,8%, bom), antipirético (29,3%, nada e 44,4%, pouco), antiácido (36,9%, nada e 39,1%, pouco), antialérgico (39,6%, nada e 37,3%, pouco), antiespasmódico (48,4%, nada e 36,4%, pouco), comprimido para dormir (50,7%, nada e 33,8%, pouco).

Analysaram ainda o conhecimento sobre as reações adversas aos medicamentos (40%, nada e 37,3%, pouco), perigos devido ao aumento da dose do medicamento (38,7%, nada e 38,7%, pouco), riscos devido à mudança no tempo tomado (40%, nada e 37,3%, pouco) e à interação de medicamentos (48%, nada e 32,9%, pouco). No geral, 27,1% dos entrevistados apresentaram bom nível de conhecimento e 72,8% informações impotentes; o que demonstra que apenas um pequeno número de estudantes sabia sobre o bem-estar e o perigo da automedicação.

Banda *et al.* (2021) relatou que os estudantes fizeram uso de analgésicos para tratar dores de cabeça e outros sintomas associados à dor. Os antibióticos foram o segundo grupo de medicamentos, mais comuns, usados para automedicação. Destacaram ainda a importância do conhecimento prévio e risco associado a AM, devido à resistência antimicrobiana, e a possibilidade de se tornar um problema de saúde global. Tal fato deve-se a fácil acessibilidade a esses medicamentos, principalmente em países de baixa e média renda, no qual, muitas vezes, são vendidos sem a necessidade de receita médica.

Para Khadka *et al.* (2022) a temática de AM vai além do simples fato de administrar o remédio por conta própria, destacam a perspectiva do comportamento de busca de saúde, considerando o contexto de fatores mentais e sociais, além do aspecto físico da saúde, uma vez que a saúde não se trata apenas de bem-estar físico ou apenas de bem-estar mental. O estudo realizado entre os estudantes de graduação de medicina destaca que 88,9% dos estudantes conheciam bem os aspectos físicos, mentais e sociais da saúde, porém, 40,8% procuraram ajuda apenas quando os sintomas físicos pioravam, 17,3% dos respondentes não consideraram problemas de pensamentos, sentimentos e capacidade de lidar com os altos e baixos da vida como preocupações de saúde, e 16,8% não perceberam problemas em fazer/manter um relacionamento positivo significativo com outras pessoas como preocupações de saúde.

Ressaltam ainda a precariedade da saúde social dos estudantes, relacionado a exigência e ao tempo do curso e de estudo requeridos para alcançar a formação acadêmica, no qual 27% dos alunos sentiram que negligenciam o seu bem-estar social, enquanto 16,8% dos entrevistados não estavam cientes que os problemas em fazer/manter vida de relacionamentos positivos com outras pessoas são preocupações de saúde. Além disso, destacaram ainda que cerca de 42,8% dos entrevistados que procuraram ajuda para assuntos delicados e doenças associadas ao tabu escolheram outros hospitais/clínicas que não os hospitais de sua própria faculdade. Isso indica sua preocupação com confidencialidade e estigma.

Alswayed *et al.* (2022) avaliaram a prática de AM de medicamentos psiquiátricos entre estudantes e constataram que nos casos em que a medicação era necessária, a prescrição médica estava associada a antidepressivos (>65%). Em situações de automedicação, os estudantes optaram principalmente por opióides ou analgésicos (54,5%) ou ansiolíticos (29,5%). Essa tendência de automedicação prevalece sobre os estudantes que estão nos anos clínicos (últimos anos de formação). Alguns participantes justificaram a automedicação, destacando motivos subjacentes.

Essa prática suscitou preocupações devido ao aumento observado na prevalência de depressão e sofrimento psicológico entre estudantes de medicina, uma vez que os sintomas de depressão, ansiedade e estresse, sendo maior quando comparado com a população em geral, que pode dar origem ao

desenvolvimento do uso ilícito de drogas e ao declínio do desempenho acadêmico. A AM, sem a devida orientação médica, pode ocasionar consequências adversas à saúde pessoal e comunitária. A escolha inadequada de medicamentos, independente do motivo considerado, possui riscos importantes associados.

3.3. Riscos associados e ações propostas para coibir a prática de automedicação

Os riscos inerentes à automedicação destacam a necessidade de ações efetivas para coibir essa prática e proteger a questões de saúde pública. Dessa forma se faz necessário considerar algumas ações proposta para mitigar os riscos associados à automedicação.

A prática da AM gera preocupações importantes devido ao amplo impacto. Dessa forma, os artigos revisados contemplam algumas ações e propostas que podem ser realizadas para coibir e promover o conhecimento dos estudantes sobre o assunto, as principais propostas estão destacadas na Tabela 2.

Tabela 2: Principais ações/recomendações propostas para coibir AM

Autores	Ações/recomendações
Shrestha <i>et al.</i> (2021)	- Necessidade de conscientização e educação sobre o uso adequado de antibióticos. - Os perigos do uso indevido de antibióticos e o surgimento de resistência antimicrobiana devem ser mais enfatizados durante o tratamento farmacológico e ensino clínico-terapêutico desses médicos estudantes.
Tognoli <i>et al.</i> (2019)	- Implementação de uma proposta pedagógica educativa sobre automedicação na grade curricular de cursos de graduação em Medicina.
Ramadan (2022)	- A inclusão de tópicos sobre automedicação no currículo de graduação em medicina. - Criação de programas de aconselhamento farmacêutico para estudantes de medicina. - Orientar e educar os estudantes sobre os problemas que podem surgir do uso inadequado de medicamentos.
Al-Qahtani <i>et al.</i> (2022)	- Educar os estudantes de medicina sobre a prática adequada de automedicação, sobre os impactos negativos e consequências adversas da AM inadequada, não supervisionada e irracional. - A necessidade de implementar políticas e regulamentações mais rigorosas para controlar a venda de medicamentos sem receita médica.
Khadka <i>et al.</i> (2022)	- Foco em fatores, como comportamento individual e/ou familiar, normas comunitárias e expectativas que determinam o comportamento de procura de cuidados de saúde e a prática de automedicação. - Necessidade de execução de legislação para reduzir as barreiras e melhorar o comportamento de busca de saúde dos estudantes de medicina.
Shrestha <i>et al.</i> (2022)	- Conscientização sobre os riscos e benefícios da automedicação. - Educar os estudantes sobre o uso adequado de medicamentos. - Profissionais devem fornecer orientação e aconselhamento adequados para ajudar a prevenir os riscos associados à automedicação. - Restringir a venda de medicamentos com efeitos potencialmente prejudiciais com a ajuda de sistemas de monitoramento.

Nabi <i>et al.</i> (2022)	- Implementação de leis mais rigorosas para restringir a venda de antibióticos sem receita médica. Campanhas de conscientização pública sobre o uso racional de antibióticos e os riscos associados à automedicação.
De Moraes <i>et al.</i> (2018)	Educar os estudantes de medicina sobre os riscos da automedicação e a importância de procurar orientação médica antes de ingerir qualquer medicamento.

Segundo Nabi *et al.* (2022) e Ramadan (2022) a fonte mais comum para adquirir medicamentos, com destaque aos antibióticos para a AM foram as farmácias. Além disso, o antibiótico de maior uso na AM foi a penicilina por causa do baixo custo e dos efeitos colaterais reduzidos, de modo que se mostrou necessário uma campanha de conscientização de massa e a implementação de uma lei restritiva contra a comercialização de medicamentos de venda livre. Conforme destacou Shrestha *et al.* (2022) as estudantes femininas em sua minoria consultam um profissional de saúde e a maioria opta pela automedicação para controlar a dismenorreia, o que demonstra a essencial a conscientização sobre as práticas de automedicação e a restrição da venda de medicamentos com efeitos potencialmente prejudiciais com a ajuda de sistemas de monitoramento.

Por outro lado, Khadka *et al.* (2022) relatou que o longo tempo de duração e o alto grau de exigência do curso de medicina faz com que os estudantes estejam mais sujeitos à diminuição do funcionamento cognitivo e à depressão. Por causa disso, deverá ser dada atenção à diferentes fatores, incluindo comportamento individual e/ou familiar, normas comunitárias e expectativas que determinam a procura de saúde comunitária e prática de automedicação, além de preparar estratégias de saúde pública baseadas em abordagens centradas na população para atualizar o uso criterioso e seguro de práticas de automedicação e cuidados de saúde e comportamento de busca de estudantes de medicina.

Nesse mesmo viés, Al-Qahtani *et al.* (2022) destacou que a Organização Mundial da Saúde (OMS) incentiva e apoia a AM responsável quando se trata de problemas de saúde menores que não precisam de consulta médica. No entanto, a AM inadequada e irracional representa numerosos riscos à saúde, de modo que o autor destaca a necessidade de conscientizar sobre a AM responsável e racional, de abordar os impactos negativos da AM inadequada e não supervisionada, de educar o estudante sobre as consequências adversas da AM, especialmente com antibióticos, e de implementar políticas e regulamentações mais rigorosas para controlar a venda de medicamentos sem receita médica.

Além disso, Tognoli *et al.* (2019) ponderou que as razões mais comuns para a AM entre estudantes de medicina foram a aquisição de conhecimento conforme o aluno avança o curso, de forma que a maioria se automedica mesmo consciente do risco inerente ao procedimento, o que destaca a imprescindibilidade de educação sobre o assunto ainda nos estágios de formação profissional e a implementação de proposta pedagógica sobre automedicação em currículos de cursos de graduação em Medicina. Para Shrestha *et al.* (2021) a necessidade de conscientização e educação sobre o uso adequado de antibióticos para reduzir a prática de automedicação, uma vez que os alunos alegam praticar automedicação com antibióticos devido à sua autopercepção de conhecimento sobre a farmacoterapia e de experiências de sintomas semelhantes no passado. Além disso, os perigos do uso indevido de antibióticos e o surgimento de resistência antimicrobiana devem ser mais enfatizados durante o tratamento farmacológico e ensino clínico-terapêutico desses médicos estudantes. E, por fim, De Moraes *et al.* (2018) aborda a correlação existente entre a AM e o nível de conhecimento adquirido pelos estudantes de Medicina durante o curso, de maneira que é recomendado que

os estudantes de medicina sejam educados sobre os riscos da automedicação e da importância de procurar orientação médica antes de ingerir qualquer medicamento.

4 CONCLUSÕES

A prática de automedicação entre os estudantes do curso de graduação se mostrou uma questão complexa, influenciada de diferentes formas, como pelas barreiras encontradas ao procurar atendimento, medo do estigma, preocupações com a confidencialidade, agitação e ansiedade na busca por ajuda e apreensão sobre intervenções indesejadas, barreiras relacionadas a questões monetárias, falta de tempo e medo de efeitos colaterais durante o tratamento, foram identificados como obstáculos nos cuidados com a saúde física e mental. Vale ressaltar que, independentemente das qualificações acadêmicas, educação e nível de consciência, os determinantes socioculturais inevitavelmente afetaram o estado de saúde de um indivíduo e suas práticas. Portanto, destaca-se a necessidade e importância da conscientização e ações que promovam a mudança de percepção relacionada aos riscos a saúde individual e pública, uma vez que se mostrou evidente que o mero conhecimento da medicina não garante a melhoria do comportamento na busca por assistência médica.

5 REFERÊNCIAS

AHMAD, S.; BABAR, M. S.; ESSAR, M. Y.; SINHA, M.; NADKAR, A. Infodemic, self-medication and stockpiling: a worrying combination. **East Mediterr Health Journal**, v. 27, n. 5, p. 438-440, 2021.

AKANDE-SHOLABI, W.; AMAJU, A. T.; ADISA, R. Prevalence, knowledge and perception of self-medication practice among undergraduate healthcare students. **Journal of Pharmaceutical Policy and Practice**, v. 14, n. 1, p. 1-11, 2021.

AL-QAHTANI, A. M.; SHAIKH, I. A.; SHAIKH, M. A. K.; MANNASAHEB, B. A.; AL-QAHTANI, F. S. Prevalence, Perception, and Practice, and Attitudes Towards Self-Medication Among Undergraduate Medical Students of Najran University, Saudi Arabia: A Cross-Sectional Study. **Risk Management and Healthcare Policy**, v. 15, n.16, p. 257-276, 2022.

ALESSANDRINI, L. M.; PAIM, R. S. P. Automedicação em acadêmicos de enfermagem: uma revisão de literatura. **Anais - VII Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG da FSG**, Caixas do Sul/RS, v. 7, n. 7, 2019.

ALSWAYED, K. E.; ALSHUAIBI, S. K.; ALSAYEGH, H. A.; SHULHUB, A. S. B.; ALSULTAN, R. M.; ALKHUHAIR, M. R.; HADDAD, B. A. Medical and nonmedical use of psychiatric medications among medical students in Riyadh, Saudi Arabia. **Journal of Family Medicine and Primary Care**, v.11, p. 1455-1461, 2022.

ARAIA, Z. Z.; GEBREGZIABHER, N. K.; MESFUN, A. B. Self medication practice and associated factors among students of Asmara College of Health Sciences, Eritrea: a cross sectional study. **Journal of Pharmaceutical Policy and Practice**, v. 12, p. 1-9, 2019.

AYALEW, M. B. Self-medication practice in Ethiopia: a systematic review. **Patient Preference and Adherence**, v. 11, p. 401-413, 2017.

BADIGER, S.; KUNDAPUR, R.; JAIN, A.; KUMAR, A.; PATTANSHETTY, S. Self-medication patterns among medical students in South India. **Australasian Medical Journal**, v. 5, n. 4, p. 217-220, 2012.

BANDA, O.; VLAHASKI, P. A.; DAKA, V.; MATAFWALI, S. K. Self-medication among medical students at the Copperbelt University, Zambia: A cross-sectional study. **Saudi Pharmaceutical Journal**, v. 29, n. 11, p. 1233-1237, 2021.

BEHZADIFAR, M.; BEHZADIFAR, M.; ARYANKHESAL, A.; RAVAGHI, H.; BARADARAN, H. R.; SAJADI, H. S.; KHAZARIAN, M.; BRAGAZZI, N. L. Prevalence of self-medication in university students: systematic review and meta-analysis. **East Mediterr Health J**, v. 26, n. 7, p. 846-57, 2020.

DE BRITO, M. C.; CASTILHO, C. T. Perfil da prática da automedicação por estudantes de medicina Overview of the practice of self-medication by medical students. **Brazilian Journal of Health Review**, v.4, n. 5, p. 18862-18875, 2021.

CARNEIRO, A. F.; NETO, P. G. C.; FERREIRA, J. F. I. S.; GARCIA, B. F.; SILVA, F. D. A. C.; LEAL, P. R. L. A prevalência de cefaleia e fatores psicossociais associados em estudantes de medicina no Ceará. **Revista de Medicina**, v. 98 n. 3, p. 168-179, 2019.

CHINDHALORE, C. A.; DAKHALE, G. N.; GIRADKAR, A. B. Comparison of self-medication practices with analgesics among undergraduate medical and paramedical students of a tertiary care teaching institute in Central India – A questionnaire-based study. **Journal of Education and Health Promotion**, v. 26, n. 9, 309-314, 2020.

DAANISH, A. F.; MUSHKANI, E. A. Influence of medical education on medicine use and self-medication among medical students: A cross-sectional study from Kabul. **Drug, Healthcare and Patient Safety**, p. 79-85, 2022.

GRAS, M.; CHAMPEL, V.; MASMOUDI, K.; LIABEU, S. Self-medication practices and their characteristics among French university students. **Therapie**, v. 75, n. 5, p. 419-428, 2020.

JANATOLMAKAN, M.; ABDI, A.; ANDAYESHGAR, B.; SOROUGH, A.; KHATONY, A. The Reasons for Self-Medication from the Perspective of Iranian Nursing Students: A Qualitative Study. **Nursing Research and Practice**, v. 6, p. 1-7, 2022.

KHADKA, S.; SHRESTHA, O.; KOIRALA, G.; ACHARYA, U.; ADHIKARI, G. Health seeking behavior and self-medication practice among undergraduate medical students of a teaching hospital: A cross-sectional study. **Annals of Medicine & Surgery**, v. 78, p. 1-7, 2022.

LÁZARO, C. A.; GASPARINI, M. M.; MUNIZ, M. L.; MARTINS, C. D. M.; MAIA, T. A. A. Investigação sobre a automedicação dos estudantes do curso de medicina de uma Instituição de Ensino Superior. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 4, p. e90942836, 2020.

MEDEIROS, I. M.; DE ARAÚJO, B. R.; GOMEZ, L. F. B. A automedicação em estudantes de medicina: uma revisão sistemática. **Scientia Naturalis**, v. 4, n. 2, p. 685- 695, 2022.

MELO, J. R. R.; DUARTE, E. C.; MORAES, M. V.; FLECK, K.; ARRAIS, P. S. D. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da Covid-19. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 4, p. 1-5, 2021.

DE MORAES, L. G. M.; BERNARDINA, L. S. D.; ANDRIATO, L. C.; DALVI, L. R.; LOYOLA, Y. C. S. Automedicação em acadêmicos de Medicina. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 16, n. 3, p. 167-170, 2018.

NABI, N.; BALUJA, Z.; MUKHERJEE, S.; KOHL, S. Trends in practices of self-medication with antibiotics among medical undergraduates in India. **Journal of Pharmacy & Bioallied Sciences**, v. 14, n. 1, p. 19, 2022.

PILGER, M. C.; DOMBROWSKI, G.; REBELO, M.; TOMASI, E. Automedicação entre acadêmicos de medicina das Universidades Católica e Federal de Pelotas/RS. **Revista da AMRIGS**. Porto Alegre, v. 60, n. 1, p. 26-31, 2016.

PISMEL, L. S.; MONTALVÃO, W. C. R.; SILVA, A. R.; OLIVEIRA, N. P.; ARGENTINO, S. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma universidade pública do sudeste do Pará. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 2, p. 5034-5050, 2021.

PRÍNCIPE, F.; OLIVEIRA, A.; SILVA, C.; SILVA, D.; SILVA, D.; SILVA, T. Automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde. **Revista de Investigação & Inovação em Saúde**, v.3, n.2, p. 21-28, 2020.

RAMADAN, B. Knowledge and attitude of medical students toward self-medication. **Journal of Population Therapeutics and Clinical Pharmacology - Journal de La Therapeutique Des Populations et de La Pharmacologie Clinique**, v. 28, n. 2, p. e83-e91, 2022.

SANTOS, R. D.; RÊGO, R. C. S.; SANTOS, V. L. B.; PRADO, M. R. Prevalência de cefaleia e seus impactos em estudantes de medicina em uma universidade pública. **Revista Brasileira de Neurologia**, v. 55, n. 3, p. 5-8, 2019.

SHARMA, N.; JAIN, M.; SHARMA, P.; JAIN, C.; BANSAL, A.; SHARMA, L.; ADVANI, U. Prevalence of self-medication of antibiotics among 2nd-year medical students and their knowledge about antibiotic resistance. **International Journal of Academic Medicine**, v. 6, n. 3, p. 203-208, 2020.

SHAWI, A. F. A.; ALI, A. F.; ENAD, M. M.; SALIH, J. A. Self-medication among medical students in Anbar and Fallujah Universities – Iraq. **Journal of the Faculty of Medicine Baghdad**, v. 60, n. 3, p. 156-159, 2018.

SHRESTHA, D.; BARAKOTI, A.; GURUNG, R. S.; PAUDEL, R.; SAPKOTA, J.; DEO, S. Antibiotics Self-Medication Practice Among Medical Students. **Journal of Nepal Health Research Council**, v. 19, n. 52, p. 613-617, 2021.

SHRESTHA, R.; BHANDARI, M. S.; SHRESTHA, S. S.; SHRESTHA, J. T. M.; SHRESTHA, U. Self-medication in Primary Dysmenorrhea among Undergraduate Students in a Medical College: A Descriptive Cross-sectional Study. **Journal Nepal Medical Association**, v. 60, n. 256, p. 1011-1015, 2022.

SILVA, R. C. G.; OLIVEIRA, T. M.; CASIMIRO, T. S.; VIEIRA, K. A. M.; TARDIVO, M. T.; FARIA- JR, M.; RESTINI, C. B. A. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 45, n. 1, p. 5-11, 2012.

TAMEEZ-UD-DIN, A.; MALIK, I. J.; BHATTI, A. A.; DIN, A. T. U.; SADIQ, A.; KHAN, M. T.; CHAUDHARY, N. A.; ARSHAD, D. Assessment of Knowledge, Attitude, and Practices Regarding Self-medication for Acne Among Medical Students. **Cureus**, v. 11, n. 8, p. 1-8, 2019.

TESFAYE, Z. T.; ASRAT, E. E.; YIMER, B. T. Self-Medication among Medical and Nonmedical Students at the University of Gondar, Northwest Ethiopia: A Cross-Sectional Study. **Scientifica**, v. 12 p. 1-5, 2020.

TOGNOLI, T. A.; TAVARES, V. O.; RAMOS, A. P. D.; BATIGÁLIA, F.; DE GODOY, J. M. P.; RAMOS, R. R. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis–São Paulo. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 7, n. 4, p. 382-386, 2019.

VARGAS, M. E. C.; SILVEIRA, A. P. V.; CECÍLIO, S. G.; PEREIRA, L. M. O.; TARANTO, M. F. R.; COELHO, J. C. O.; SANTOS, L. E. C.; CECÍLIO, S. G. Fatores de risco para automedicação: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, p. e52811932188-e52811932188, 2022.

YASMIN, F.; ASGHAR, M. S.; NAEEM, U.; NAJEEB, H.; NAUMAN, H; AHSAN, M. N.; KHATTAK, A. K. Self-Medication Practices in Medical Students During the COVID-19 Pandemic: A Cross-Sectional Analysis. **Frontiers in Public Health**, v. 10, p. 1-12, 2022.

YOUSEF, A-M. M.; AL-BAKRI, A.G.; BUSTANJI, Y.; WAZAIFY, M. Self-medication patterns in Amman, Jordan. **Pharmacy World & Science**, v. 30, p. 24-30, 2008.

ZERU, N.; FETENE, D.; GEBERU, D. M.; MELESSE, A. W.; ATNAFU, A. Self-Medication Practice and Associated Factors Among University of Gondar College of Medicine and Health Sciences Students: A Cross-Sectional Study. **Patient Prefer Adherence**, v. 14, p. 1779-1790, 2020.